

Centro de Estudos Bahianos

ZAHIDÉ MACHADO NETO

QUADRO SOCIOLÓGICO DA
“CIVILIZAÇÃO” DO RECÔNCAVO

PUBLICAÇÃO
SALVADOR - BAHIA

71

Tôda correspondência deve ser dirigida ao Secretário Geral,
Prof. José Calasans, Academia de Letras da Bahia, Terreiro de Jesus,
Salvador — Ba.

ZAHIDÉ MACHADO NETO

QUADRO SOCIOLÓGICO DA
“CIVILIZAÇÃO” DO RECÔNCAVO

SALVADOR — BAHIA — 1971

QUADRO SOCIOLÓGICO DA “CIVILIZAÇÃO” DO RECÔNCAVO

ZAHIDÉ MACHADO NETO

“Cavidade funda, enseada, gruta”, assim geograficamente se pode definir aquela região litorânea da Bahia de Todos os Santos — o Recôncavo — expressão que tem um denso sentido histórico e sócio-cultural.

Nos primeiros momentos do povoamento ali se instalaram os colonizadores, que do litoral passavam terras a dentro, aos recôncavos ou terras interiores.

Se o Recôncavo dos geógrafos tem uma delimitação resultante da estrutura geo-fisiográfica da área, para os historiadores, de início, e de relativamente poucos anos para cá, para os sociólogos, éle é uma área menor que aquela delimitada pelos geógrafos, o conceito daquêles repousando, de um lado na formação e povoamento e por outro, como sua resultante, nas específicas relações homem-meio que ali passam a ser travadas no decorrer de mais de quatro séculos.

O chamado Recôncavo geográfico, compreendendo a área em torno da Bahia de Todos os Santos, cuja entrada é a cidade do Salvador, se estende, no conceito fisiográfico, o qual leva em conta a formação de terrenos e a resultante utilização do solo.

Na elaboração dos conceitos sociológicos, considerando-se a própria complexidade da região, e talvez mesmo como um modo de demonstrar tal complexidade, prefere-se lançar mão de subdivisões. Tais subdivisões, para L. A. Costa Pinto, por exemplo, na sua obra pioneira intitulada *Recôncavo* ⁽¹⁾, tomam como base as atividades desenvolvidas nas sub-regiões ou zonas levando em conta, ainda, as delimitações propostas pelos geógrafos e historiadores.

Seis sub-regiões são, dêsse modo, propostas por Costa Pinto.

- 1 — Zona da pesca e do saveiro, situada na orla marítima;
- 2 — Zona do açúcar, localizada nas terras do massapé;
- 3 — Zona do fumo, mais recuada do litoral;
- 4 — Zona da agricultura de subsistência, que é uma área descontínua que se espalha por todo o Recôncavo;

(1) — L. A. Costa Pinto — *Recôncavo*.

- 5 — Zona do petróleo, superposta às zonas da pesca e açucareira, situando-se nas áreas do massapê, na orla marítima, nas ilhas;
- 6 — Zona urbana de Salvador que por suas características metropolitanas, como centro de consumo, de comércio, de redistribuição, de serviços, de influência política e de controle administrativo, de vida intelectual, de contactos com o mundo representa um dos principais fatores, simultaneamente, de unidade e de diversidade do conjunto.

Muito embora alguns historiadores defendam a idéia de que, pelo menos nas primeiras décadas da Colonização, Salvador não esteja realmente integrada na configuração sócio-cultural do Recôncavo, sendo mais um "centro cívico" que um "centro sociológico" (2), ela de alguma sorte contribuirá, como polo cristalizador, como síntese de toda a grande região que mais que isso é toda uma cultura — e por que não? — todo um modo de ser e todo um sentimento.

Recôncavo quer dizer açúcar, açúcar e fumo, e massapê, escravo e barão, saveiro, rios que se confundem com lagamares, com a baía, artesanato de cores extraordinariamente ricas, e mais petróleo, tórres e "cavalos" furando o massapê, tórres nas enseadas azuis, casas-grandes caindo em ruínas, boeiros cobertos de melão-de-são-caetano, as ruas iguais das casas iguais da zona residencial da refinaria do Mataripe, os grandes navios petroleiros aportados na entrada do boqueirão, na ilha de Madre de Deus, bem defronte à igreja de Loreto no mais puro estilo jesuítico seiscentista, na ilha dos Frades.

Se o Recôncavo "sociográfico" proposto por Costa Pinto hoje praticamente coincide com o Recôncavo "oficial", levando-se em conta a rede de comunicações ele se amplia, englobando regiões que vão até Feira de Santana e Alagoinhas. Atendendo as observações dos economistas ele vai bem adiante, até a ponta sul de Marauá. (3).

Para Costa Pinto importa levar em conta os núcleos que indicam a integração da área por características sócio-econômicas comuns, decorrentes das relações dos homens com a natureza e dos homens com os homens.

De fato. Desde o início do século XVI procede-se ao apossamento e ao povoamento. No final desse século o Santo Ofício, numa visitação, indica numerosas freguesias, todas "com serventia por mar". No século XIX Vilhena cita muitas das vilas que já vinham do século XVI, vivas até hoje em cidades, dotadas dos mesmos primeiros nomes sonoros: Cachoeira, Serigipe do Conde (São Francisco do Conde, Santo Amaro da Purificação, Jaguaripe, Maragogipe).

As bordas do mar, ou à beira-rio faziam-se aquelas vilas, perto delas ergueram-se os engenhos cujas caixas de açúcar por mar escoavam para a capital, para a Metrópole, para o mundo. Todas as

(2) — José Calasans e Cid Teixeira — assim se expressam no Seminário sobre definição do Recôncavo — Curso sobre o Recôncavo — UFBA — USP — março — 1969.

(3) — Segundo indicação de Mary Castro no seu Relatório de uma pesquisa realizada no Mestrado em Ciências Humanas da UFBA., intitulada "Ocupações valores e opiniões em São Francisco do Conde" obtidas no plano Conder-Clan, 1969, ainda não publicado.

estradas levavam à capital, mas pouco a pouco as vilas estabelecem vias de comunicação entre si. Mas tudo o que em toda a área se produzia, de grande, açúcar ou fumo, jogava-se para o escoadouro metropolitano.

A monocultura açucareira, elemento propulsor de toda área mais extensa e mais representativa do Recôncavo, encontra no massapê um solo ideal; no sistema de propriedade — as sesmarias — um ponto de partida excelente para o seu crescimento. A produção para exportação vai se adequar e integrar no sistema capitalista mercantil mundial.

Fundamenta-se o sistema de produção nas bases terra—homem—técnica: o escravo, o latifúndio, o engenho. Cresce, amplia-se, o complexo com o equilíbrio mantido pela política econômica dos centros de decisão que então nas grandes metrópoles; mantem-se o equilíbrio interno com o munus dos senhores, representantes e defensores do poder central, aos quais incumbe a defesa da terra dos franceses e dos indígenas, e destes últimos mais que defesa, a recuada para o interior, a tomada das terras nas quais antes viviam, o controle das concessões de terras imprestáveis à cana para plantio de produtos para subsistência.

O engenho como unidade sócio-econômico-cultural cresce e mantem-se autonomamente. Salvador, entreposto comercial, escoadouro da produção, centro cívico é o lugar em que os senhores de engenho vão apenas para as reuniões da Câmara, as grandes festas litúrgicas, e principalmente para os negócios.

As primeiras concorrências ao açúcar brasileiro no mercado mundial, ainda no século XVII, o crescimento da produção em Pernambuco, a corrida do ouro no centro-oeste atraindo o mercado para outra área de interesse, se tudo isso ameaça a estabilidade do sistema sócio-econômico do engenho do Recôncavo, as suas bases sólidamente plantadas são suficientemente resistentes, àquela altura, para aguardar melhores tempos. E eles chegam. Timidamente nos fins do século XVIII, mais vigorosos nos primeiros anos do século XIX. Recuperam-se os preços no mercado mundial. Com a Revolução Industrial, na Europa, opera-se um visível crescimento demográfico e um crescente processo de urbanização. Amplia-se o consumo do açúcar, e problemas internos na região antilhana são causas indiretas da procura de açúcar do Brasil no mercado mundial.

As crises naturais — pragas nas plantações, a epidemia de cólera na Bahia, ocorrentes nas primeiras décadas do século XIX — não chegam a alterar demasiadamente um quadro de relativo equilíbrio que sofrerá, porém, uma rutura de grandes proporções com a Abolição.

A modernização da tecnologia da produção do açúcar, chegando a nós por voltas de 1878, com a usina, representa menos que uma solução, um problema. A adoção da nova tecnologia é um investimento que representa emprego de capital considerável em maquinaria e mão-de-obra mais especializadas. Algumas tentativas de modernização são levadas a cabo em corporações, as sociedades anônimas reunindo remanescentes das grandes famílias dos engenhos, às vezes associadas a capitais estrangeiros na nova fórmula: a usina.

Muitas perspectivas logo se frustram, outras tantas conseguem sobreviver, graças à absorção do produto pelo mercado interno, por alguma política protecionista na defesa do açúcar desenvolvida pelo governo.

Tal situação perdura dentro de um quadro de crise iminente até os anos quarenta do nosso século.

O crescimento da produção do açúcar no Rio, e logo depois em S. Paulo, repõe a crise em termos um pouco diferentes.

Em 1902 possuía o Recôncavo 21 usinas (4). Hoje existem 7 das quais 5 apenas estão em funcionamento, sua produção representando apenas 1,38% da produção nacional (5).

Cresce, no momento, uma crise em proporções que levam a acreditar que ela se põe em termos definitivos.

"A zona da pesca e do saveiro" proposta por Costa Pinto representa uma área de características singulares, sua complexidade decorrendo do relacionamento direto com a zona da pequena agricultura de subsistência, com a do açúcar e com a área metropolitana à qual se liga pelos caminhos do comércio de transporte dos produtos de extração (coleta e pesca) e da produção artesanal.

Nas ilhas e nas bordas do mar da baía de Todos os Santos implantaram-se, desde o primeiro século da colonização, povoados e vilas, pequenos centros administrativos e comerciais a desenvolverem atividades de autênticos satélites da capital: Itaparica, Santo Amaro da Purificação, S. Francisco do Conde, São Félix, Cachoeira, Nazaré, São Roque, Jaguaripe, Maragogipe, Saubara.

Nos lugarejos e nos "corridos de casa" das praias e das enseadas, no decorrer dos tempos, consolidou-se uma população que, próxima da área do açúcar, a ela se liga por vias do mar. Nos saveiros se transporta o açúcar para os centros mais populosos e para a capital; no mar se pesca para comer e para vender o peixe e assim comprar a farinha, e com que iluminar a casa de sopro e palha de coqueiro; pelo mar se transporta a rica produção artesanal: tijolos e telhas, louças de barro e uma enorme variedade de produtos artesanais, além de cal, madeira, milho, feijão, cachaça, frutas, verduras e hortaliças.

"O comércio e o transporte, a produção artesanal, a extração, a coleta e a pesca são as atividades econômicas fundamentais em que se assenta a vida nesta faixa do Recôncavo", escreve Costa Pinto (6).

Os tipos ocupacionais variadíssimos: o pescador, o oleiro, o marinho, ou embarcadiço, o trabalhador de caieira existem como resultantes de uma adaptação ecológica e de atividades econômicas que em pouco ultrapassaram o nível tecnológico do artesanato, da simples coleta e da extração.

No contacto com novas situações decorrentes do surgimento de novas necessidades e novas técnicas aquela população vem sofrendo um processo de reajustamento que implica na perda da situação seminatural, ou se quisermos dizer metafóricamente, "paradisiaca", para uma situação de sub-proletariado, no quadro geral da região, há algum tempo lançada em larga faixa a uma economia empresarial, mais urbana, mais dependente de estruturas sócio-econômicas mais racionalizadas.

(4) — Luiz Henrique Dias Tavares, *A Involução Industrial da Bahia — Publicações da Universidade Federal da Bahia*, 1966 — p. 13.

(5) — Renato Novis — Conferência pronunciada no curso sobre o Recôncavo — UFBA — USP — 1969.

(6) — Costa Pinto — *Recôncavo* — 1968 — p. 30.

As figuras do saveirista, do pescador, do homem do mar, que a literatura do Recôncavo da baía de todos os Santos expressou em momentos de rara sensibilidade e grandeza nas mãos de um Xavier Marques, de um Jorge Amado, por exemplo, começam a ficar esmaecidas.

As múltiplas atividades que pela natureza rudimentar de suas operações, das técnicas e dos instrumentos usados possibilitavam ao mesmo individuo desenvolvê-las simultaneamente: pescando hoje, fazendo tijolos amanhã, trabalhando em saveiro logo depois, embora um pouco alteradas ainda perduram no "petroleiro" de ontem, pescador de algum tempo atrás, trabalhador comum das pequenas roças de banana ou de hortaliças de hoje.

Na paisagem que a colorida propaganda turística vem pintando, no cotidiano das feiras, das quitandas, nas festas do calendário religioso-profano da Bahia, nas rodas de capoeira e de samba, festas de santos católicos e negros que se misturam com as montanhas de frutas e cheiros exóticos não falta a presença do homem das ilhas e das praias dos "recôncavos". A trama do comércio dos produtos do mar, do artesanato, das frutas e verduras inclui o saveirista, os pequenos comerciantes, homens e mulheres que semanalmente das zonas praianas do Recôncavo vêm à cidade vender os produtos de quintal e de artesanato doméstico. É importante a figura do Jono do saveiro, comerciante também ele, que transporta pessoas e mercadorias, que produz e vende essas últimas, num fluxo constante que representa uma parte considerável do abastecimento da capital.

O crescimento de outras vias de comunicação, inicialmente estradas de ferro, depois as rodagens, vem dando um golpe de morte no saveiro como meio de transporte no Recôncavo.

E hoje, se o sistema ferroviário convencional está em crise, o Recôncavo está totalmente cortado de boas estradas de rodagem, que só não são melhores devido aos incessantes danos provocados pelo massapê.

As velas brancas dos saveiros de nomes que fazem boa parte da poesia da grande baía: Estrela d'Alva; Flor do Mar; Vendaval; Senhora das ondas, tantas invocações de tantas Nossas Senhoras: de Guadalupe, do Loreto, das Candeias, da Boa Viagem... as velas brancas ameaçam escassear no azul inconfundível da baía de Todos os Santos. Brevemente o ferry-boat estará em funcionamento.

A pesca desde os momentos iniciais da colonização representou uma atividade extremamente importante no sistema de alimentação da população do Recôncavo.

O abastecimento da capital por produtos do mar se se fez a princípio nas suas próprias praias e áreas marítimas mais próximas, a pouco e pouco amplia-se para as partes mais fundas do bolso da baía.

Assim o português consegue manter a linha de sua culinária, dos seus gostos sempre tão dependentes dos peixes, dos camarões, dos crustáceos; assim as populações mais pobres encontram seus sustentos.

As casas-grandes mais famosas do Recôncavo não dispensavam entre a escravaria especializada na casa e no seu abastecimento, o escravo-pescador, a escrava catadeira de ostras, apanhadora de siris e caranguejos.

A atividade da pesca vai se especializando, no passar dos tempos, de modo a desenvolver-se sobre ela uma rede de relações inti-

mamente vinculadas ao tipo de técnica utilizada. A rede, a pesca de linha ou vara, a simples coleta de caranguejos, siris, ostras implicam tipos diferentes de trabalho e de relacionamento. A pesca de rede por exemplo, envolve muitas vezes um complicado sistema de patronato, de tarefas e de partilha do produto.

Costa Pinto propõe, relativamente à economia pesqueira do Recôncavo, uma tríplice tipologia de trabalhadores:

- 1 — o assalariado, profissional da pesca;
- 2 — aquele que tem a pesca como atividade suplementar, trabalhando na condição de assalariado numa dessas atividades ou em ambas;
- 3 — o que exerce a atividade na condição do que se costuma chamar de "trabalhador autônomo".

Tais tipos estão vinculados ao modo de exploração, ou melhor, aos modos de realização da coleta ou técnicas empregadas, bem como ao próprio produto que se irá obter. O primeiro tipo se enquadra, principalmente, na pesca de rede e canoa, implicando num trabalho de equipe e na presença de um dono da rede e da canoa que contrata ou partilha, de alguma sorte, o produto com os pescadores. A produção é vendida diretamente ao consumidor ou a atravessadores, arrematantes ou intermediários. No segundo caso está o pescador quase sempre solitário que suplementa, assim, em certas épocas do ano, em certos dias da semana ou em certas horas do dia, seus ganhos principais. Esse tipo tanto poderá pescar de linha ou vara em mar aberto ou em litoral, como catar siris e caranguejos no mangue, consumindo o produto ou vendendo diretamente ao consumidor.

O pescador "trabalhador autônomo" é uma figura que começa a desaparecer por imposição da concorrência de novas formas de organização e tecnologia da indústria pesqueira. A pesca em alto mar, que é sua especialidade, encontra no processo de frigorificação e mesmo antes, no simples gelo em caixão, um elemento alterador de todo o sistema social de pesca do Recôncavo. Com a utilização do processo de frigorificação pelos arrematantes do produto da pesca de alto mar realizada pelos "autônomos", principalmente, ficam estes à mercê daqueles e da sistemática concorrência do produto lançado no mercado em bases completamente diferentes, por organizações empresariais de modelo industrial capitalista. A atividade pesqueira no Recôncavo começa, assim, um processo de crise cuja tendência é um incessante agravamento.

Embora em processo de decadência a atividade da pesca ainda representa um ponderável elemento de ganho que em certo sentido é responsável pela própria sobrevivência das populações mais pobres do Recôncavo.

No mangue vão, mulheres e crianças, homens degradados pelo desemprego, ou — casos raros — aqueles que querem quebrar a rotina da faina diária em uma atividade certa, à busca do caranguejo, que com a farinha representa o sustento na luta diuturna contra a morte.

A lavoura do fumo representa no quadro sócio-econômico e cultural do Recôncavo um elemento relevante, principalmente se a ela se associar a indústria fumageira que marca a paisagem das

margens e arredores do rio Paraguaçu, convivendo com os restos de velhos engenhos e das também já velhas usinas.

Instrumento de troca como moeda para compra de escravos nas costas da África, usando as terras magras imprestáveis para a cana, o fumo, como se diz na Bahia, "é lavoura de pobre".

Suas várias qualidades marcarão a reputação do produto nos quais são usadas. O fumo da mata de Maragogipe e S. Felipe assemelha-se ao fumo de Sumatra. O fumo inferior será usado no chamado fumo-de-corda, preparado com mel de cana, mascado por pessoas das camadas mais pobres e usado como remédio infalível para dores de dentes, e para outros males.

Junto às atividades agrícolas, onde permanecem relações de trabalho de tipo arcaico, comuns nas zonas agrárias de quase todo o Brasil, desenvolvem-se, a partir dos fins do século passado, atividades industriais do tipo capitalista que contemplam relações de trabalho de tipo contratual.

Junto às fábricas de charutos onde se adota uma tecnologia moderna e toda uma organização empresarial: o trabalho assalariado, o operário, o escritório, encontramos um quadro diferente: persistem no campo relações de trabalho que em muito pouco diferem da comum parceria no aluguel da terra, cabendo sempre ao proprietário desta as funções de concentrar o produto que ele estoca e vende aos trapiches ou diretamente às fábricas. Dêsse modo o fazendeiro da zona do fumo, concentrando o seu produto e dos seus parceiros, transforma-se num agricultor-comerciante e daí em trapicheiro, incumbindo-se do primeiro preparo, mediante processos rudimentares, do fumo, que ele transforma em "manocas" e estoca para revender. É ele, assim, um atacadista e uma mola poderosa no funcionamento de todo o sistema, inclusive financiando a produção e controlando-a.

Vale ressaltar que as fábricas, através da produção própria nas suas áreas de fazenda procuravam aprimorar a matéria prima, enquanto o fumo do fazendeiro comum, de qualidade inferior em sua boa parte, destina-se ao mercado da região e adjacências.

A indústria do fumo, no Recôncavo, com sua existência sempre periclitante em face das contradições estruturais do sistema agrário subsistente, chocando-se com as práticas racionalizadas que a própria indústria exige, começa a entrar numa crise que se agrava com o fechamento, nos anos cinquenta de uma das duas grandes fábricas que conseguiram sobreviver. Já agora, os jornais noticiam o fechamento das portas da última grande fábrica de charutos do Recôncavo.

Na atividade fumageira desenvolvem-se dois tipos ou estilos de relações sociais decorrentes diretas das relações de trabalho: enquanto no trabalho agrícola a mão-de-obra recrutada é a local, já de longa data, geração após geração vivendo "no fumo", as atividades de tipo empresarial atraem mão-de-obra forasteira, imigrantes de outras regiões do Estado. As aspirações das gerações mais novas, nem sempre atendidas, no sentido de sair do trabalho agrícola para o trabalho de fábrica na cidade vai ser um expediente de importância na alteração dos valores e dos comportamentos rurais quando o elemento do campo volta ao contacto com o seu meio de origem após a vivência na estrutura urbano-fábrica.

Por outro lado, lembra muito bem Costa Pinto, a recíproca também é verdadeira, quando se observa a influência de padrões de relações sociais, valores e comportamentos de tipo tradicional-paternalista predominante na estrutura agrária, presentes

também, embora em processo de desaparecimento, nas relações industriais. Dai, pensa o mesmo autor, que à desorganização do padrão anterior não correspondendo um novo padrão substitutivo venha de ocorrer um "vasio sócio-psicológico no qual flutua o trabalhador urbano e industrial das fábricas e usinas do Recôncavo." (7)

Um outro aspecto de implicações humanas na agro-indústria do fumo é o trabalhador feminino. A mão-de-obra feminina é recrutada não só para o trabalho do campo como para o próprio preparo do fumo das suas formas mais rudimentares até o fabrico dos charutos mais finos nas fábricas, atividade essa, aliás, que tem uma tradição relativamente antiga em outros países.

A presença da mulher na fábrica, nos centros urbanos, como bem observa ainda uma vez Costa Pinto, vai implicar em alterações na organização familiar, já que a sua aparente independência obtida pelo trabalho cria um tipo de relacionamento com o homem de modo a constituir-se uma espécie de matriarcado característico das famílias das camadas mais pobres.

É possível observar um sistema de uniões conjugais extra-legais, relativamente passageiras que representam um modo muito específico da mulher sustentar o companheiro, entregue quase sempre à vadiagem e ao biscate. Assim é que ela garante o sustento da família, na fábrica e depois, crescida a prole, na produção doméstica de charutos baratos de fumo grosseiro, que ela vende na própria casa ou que os filhos vendem nas ruas, nas estações, nas praças.

Além das atividades do fumo trabalha a mulher, como a criança, nos vários artesanatos, principalmente de louça de barro, de telhas e tijolos, além das rendas de bilros e bordados típicos, já agora em plena decadência pela concorrência com os produtos industrializados ou com um artesanato organizado em termos de produção industrial, como por exemplo as costuras do Ceará.

A zona da agricultura de subsistência é uma área descontínua a se confundir com a zona da pesca e do saveiro, do fumo e açúcar. Realizando um tipo de trabalho da terra ainda nos moldes de séculos atrás já se começa, porém, a alterá-lo no sentido de um trabalho mais racionalizado por força do próprio crescimento do consumo e da expulsão, nas antigas áreas peri-urbanas de Salvador, de tradicionais hortas, hoje bairros populosos para os quais já se dirige inclusive a classe média, nos conjuntos residenciais, nos "bairros novos" etc..

E chega-se ao petróleo, que só será convenientemente entendido no quadro sócio-econômico e cultural do Recôncavo se se consegue dimensioná-lo e referi-lo ao açúcar, já que êle definiu, em boa parte, os seus limites geográficos nas terras do massapê e nas ilhas próximas a êste, superpondo-se na mesma zona à agro-indústria do açúcar já em processo crítico.

As mudanças ocorrentes no Recôncavo por força da presença do petróleo, da sua obtenção, do seu preparo em nível industrial, do escoamento dos sub-produtos, a alteração da paisagem física e humana de um dos mais velhos núcleos de povoamento do Brasil, tudo isso só será melhor entendido equacionando-se o problema em termos da agro-indústria do açúcar.

Quando o petróleo "chega" ao Recôncavo açucareiro já êste vivia um longo processo de decadência. E só assim há que ser en-

(7) — Costa Pinto — Op. cit. — p. 54

tendido pelo menos em suas linhas gerais, o problema do binômio açúcar-petróleo. E assim podemos compreender a euforia que gracejou nos momentos iniciais da implantação das torres de extração e da instalação da Refinaria e a mudança regressiva que alguns começam a suspeitar que se esteja operando por força do crônico processo de decadência agravado pela interveniência de atividades do setor secundário. Assim se põe inexoravelmente o panorama físico e humano da região.

Vale portanto voltar ainda um pouco ao passado, embora a um passado próximo.

A agro-indústria do açúcar no Recôncavo criou, não resta dúvida, um complexo cultural cujas sólidas bases ainda hoje explicam uma série de valores, de crenças, de comportamentos e de relacionamentos presentes na vida da própria área, e como extensão, em muitos aspectos da vida de alguns grupos na própria capital.

A situação de estagnação ou de crise latente perdura até os fins da década de quarenta deste século. Desbaratado, em termos econômicos, o sistema familístico do engenho, agoniza o sistema da usina, salvo um ou outro caso especial.

Os descendentes das casas-grandes encontrarão na capital nos empregos públicos, na profissão liberal, principalmente, outros caminhos para viver e sobreviver. O passado quando não é escamoteado a duras penas, é apenas a saudade dos avós e bisavós barões.

No massapê ficou "o resto", a população mesquinha presa à usina sempre à beira da crise, no desemprego intermitente, na pequena lavoura, na pesca.

É possível se observar um paulatino esfacelamento da propriedade nos municípios da cana-de-açúcar, devido em grande parte a impossibilidades econômicas dos proprietários para mantê-la. Por seu turno na década de 50-60 a agro-indústria canavieira baiana perde completamente as condições de competição com Pernambuco e o sul do País.

Na década de 50 o petróleo, descoberto no coração da área do massapê, a Refinaria que se está instalando lançam a possibilidade de "salvação".

A explicação vulgar de que o atraso, a miséria e a fome eram "obra do destino" junta-se então aquela outra de que se estava diante de uma espécie de "dáviva dos céus", de esperança e salvação. E se começa a viver a euforia nos grandes dias e as grandes preocupações: os proprietários de terras põem-se numa atitude de descrença e mesmo de oposição à atividade da Petrobrás.

Alguns poucos esperam a revitalização da economia local, a ampliação das perspectivas. Sem dúvida, o município mais diretamente afetado pela nova situação — São Francisco do Conde — vê ampliadas suas rendas graças ao giro comercial e alterado em boa medida o panorama de estagnação, de marasmo, em que vinha se arrastando por quase um século.

A instalação de uma empresa industrial de capital considerável, possibilitando a absorção de mão-de-obra com salários relativamente altos numa área de economia agrária em lento processo de decadência, presa a valores e padrões tradicionalistas e fatalistas, sem dúvida que teria de agir como um fator geral de alteração, seja pela transferência de boa parcela dos trabalhadores agrícolas, dos sub-empregados ou dos constantes desempregados para os trabalhos ligados à Petrobrás, seja pelos métodos de trabalho introduzidos, seja

pelos novos níveis de aspirações que se apresentam, seja pela própria presença de uma população estranha que passa a viver e gravitar em torno da área-base de atuação da Petrobrás. E nenhum município, nenhuma região do Recôncavo viveu tanto essa situação como S. Francisco do Conde, sua sede (a bela cidade encravada no fundo do bolsão da baía de Todos os Santos, a "vila" como até hoje é chamada, de glorioso e faustoso passado) e toda a sua zona rural.

A Petrobrás atua na área mais funda do Recôncavo durante aproximadamente 10 anos com uma força considerável: abrindo estradas, construindo, concentrando populações, ocupando áreas até então inexploradas pela agro-indústria açucareira e pela pecuária. Por outro lado ela inflaciona os custos de existência. As compras para abastecimento do pessoal da empresa, os salários altos (se comparados com os salários locais, estaduais e até nacionais) sacudiram a economia local.

Cresce assim o giro comercial no Estado e aumenta a arrecadação de certos impostos; os municípios nos quais a Petrobrás atua também duplicam suas arrecadações.

Por seu turno, naquele quadro, também a vida social se altera. Os índices de status, de poder e prestígio sofrem modificações. O recrutamento da desqualificada mão-de-obra local para os trabalhos, em geral, menos exigentes no que diz respeito ao nível técnico, para os trabalhos de construção da Refinaria, para as atividades do campo, faz com que u'a massa relativamente grande da população passe a viver sob a égide da torre do petróleo, do capacete de alumínio. O processo de urbanização é facilmente constatável e é evidente o aumento do consumo de produtos que confirmam, de imediato, prestígio e riqueza.

A adaptação da população nativa aos novos ritmos de trabalho, alterado o panorama tradicional do regime de relacionamento, traz como consequência alterações ao nível do comportamento, uma certa margem de crise de ajustamento — reajustamento. A elevação do padrão de vida junta-se a "criação de novos canais de mobilidade social, tensão social e psicológica, mobilização de mecanismos de adaptação e assimilação de pessoas, valores e instituições" (7).

A modorra da vida nas áreas urbanas agora movimentadas pelas estradas, pelos autos e caminhões, pela "gente de fora", vê-se alterada numa agitação que chega a quebrar o silêncio quase tumular de cidades como São Francisco do Conde, com seus sobrados centenários, suas igrejas majestosas, seu convento — jóia da arquitetura colonial do Recôncavo. Mesmo na área rural a "agitação do petróleo" muda o cotidiano das usinas e dos engenhos, em cuja estreitíssima vizinhança estão as estradas com caminhões cheios de gente, de ferragens, com caçambas e com buzinas ruidosas.

A tranquilidade do status quo social também se verifica. A pequena classe média tradicional das cidades, constituída de funcionários públicos, pequenos fazendeiros e negociantes, principalmente, vem se juntar uma nova camada constituída de operários qualifica-

(8) — Jussara Morais — Relatório preliminar de uma pesquisa intitulada "A juventude em um município do Recôncavo Baiano: Situação e perspectivas" — datilografado — 1969 — Mestrado em Ciências Humanas da UFBA — Bahia — p. 15.

dos, de burocratas e técnicos da Petrobrás. E, como é de se esperar, de pronto são identificáveis as diferenças de costumes, aspirações e valores.

A camada mais alta da estratificação na zona de influência do petróleo, quase toda ela constituída de proprietários de usinas e pecuaristas, põe-se numa atitude de reserva em face da Petrobrás e de tudo quanto diga respeito ao petróleo. Céticos de início, ante a realidade dos fatos sentem de alguma sorte a perspectiva de um certo ostracismo no que diz respeito ao poder, ao mundo, à consideração da grande massa da população. Embora na sua grande maioria, residente na capital, e proprietário rural tradicionalmente controlador da vida política e econômica vê-se, quase que repentinamente, relegado a um segundo plano no quadro geral dos prestígios no momento do auge da "euforia do petróleo".

Recrutando mão-de-obra para os trabalhos braçais, não qualificados, na massa da população tradicionalmente disponível, a Petrobrás vai ao mesmo tempo armando e ordenando o quadro de operários permanentes, qualificados anteriormente, ou preparados em cursos da Companhia, os quais são devidamente selecionados e testados por órgãos específicos.

O que se verifica, no momento áureo dos trabalhos de implantação da Refinaria Landulfo Alves (Mataripe), do terminal marítimo de Madre Deus e de um ou outro setor especializado no campo para os trabalhos de pesquisa e lavra, naquêle momento em que é recrutada boa parte da mão-de-obra local para aquelas atividades, é um assinalável nível de imprevidência, de consumo de ostentação por parte daquelas pessoas que pela primeira vez se vêm diante do que então se reconhecia como "a verdadeira riqueza": os relativamente altos salários pagos pela Petrobrás. Sabe-se, através do folclore que se foi fazendo que começam a ocorrer, a partir daquêles momentos, casos bem parecidos aquêlcutros do cacau nos anos vinte na zona de Ilhéus e Itabuna, no sul do Estado: cigarros e charutos acêses com notas de mil cruzeiros, mesas de jôgo com altas apostas, cabarês (no caso, "boates") com bebidas caras, mulheres bem vestidas e bem falantes, brigas e mortes (choques dos "de fora" com a "gente da terra", da "gente da Petrobrás" com a "gente da terra").

Em certas zonas — na ilha de Madre de Deus, por exemplo, terminal marítimo e domicílio de muitos dos trabalhadores não qualificados na época da construção da Refinaria — a euforia do dinheiro antes nunca visto, ou sequer pensado em tal abundância, traz alterações evidentes não só no que diz respeito à ampliação do comércio local, ao crescimento demográfico e urbano mas também no comportamento dos indivíduos, no relacionamento do homem com a mulher e a criança, nos festejos religiosos tradicionais e, mesmo, na maneira de vestir, de casar, de festejar aniversários, de visitar parentes e amigos, e até de enterrar os mortos.

Ilha de veraneio, no espaço de poucos anos Madre Deus vê quebrado seu silêncio, sua tranquilidade paradisíaca: a praia infesta-se de petróleo e enche-se de "estranhos". A gente todo ano disposta ao trabalho doméstico no verão, desaparece; o peixe, os siris e caranguejos, as ostras, as frutas, rareiam. E sabe-se de casos interessantes: o pescador-comerciante de peixe, sempre colicito todos os verões prefere vender seu peixe ao "comprador do ano inteiro" (os empregados qualificados da Petrobrás) e, para o parecer do veranista tradicional "dinheiro da Petrobrás até parece que vale mais que o nosso".

São anos de "crise latente", como diziam muitos veranistas, que atingirá o veraneio, as propriedades sempre suspensas à possibilidade de desapropriação. Começam a ocorrer pequenas questões relativas a invasões de cercas, perda de gado, diminuição da tradicional e submissa mão-de-obra na agro-indústria do açúcar e na pequena pecuária.

Não são poucos as novas situações decorrentes da presença da Petrobrás em boa parte do Recôncavo, muitos dos quais chegam, na base da discussão, das salas de reuniões das diretorias das maiores usinas às pontas de esquina, aos lares e "snokers", às "portas de rua" dos casebres mais humildes, onde a própria razão de ser da Petrobrás e do petróleo, seus "pontos negativos e positivos" são debatidos.

A agro-indústria do açúcar mantém-se, mesmo nos anos de maior força de ação da Petrobrás, na sua crise crônica; mesmo arebanhando trabalhadores das plantações e das usinas, e até operários mais qualificados pelo seu nível técnico, a Petrobrás, parecidos, em muito pouco contribuiu para alterar aquela crise. As fazendas e usinas foram capazes, pondo em funcionamento uma série de mecanismos fundados principalmente na lealdade e na tradição, de manter, de alguma sorte, o seu nível de produção já precário antes mesmo da descoberta das jazidas de petróleo no Recôncavo.

Por outro lado, à medida em que se efetiva a implantação da Refinaria, isto é, de tudo aquilo que será definitivo nas operações de extração, refino e transporte do petróleo e seus derivados, a mão-de-obra não qualificada vai sendo dispensada, voltando às suas bases e reintegrando-se no quadro tradicionalmente crítico da região, já agora com sua crise evidentemente agudizada.

O que se verifica, então, atualmente, é o que já se podia vislumbrar por voltas de 1958 e 1959: ao lado do declínio continuado da agro-indústria do açúcar (que mesmo assim absorve, hoje, no Recôncavo, cerca de 28.000 trabalhadores — e não discutimos aqui os problemas intrínsecos das relações de trabalho e mesmo do sistema de propriedade), a presença da Petrobrás como um organismo paralelo àquela.

As perspectivas de desenvolvimento da região a médio e longo prazos, em razão da exploração do petróleo, estavam préesas, já se dizia a doze, treze anos atrás, a um planejamento rigoroso com vistas à industrialização de toda a região, levando-se em conta, inclusive, a tradicional indústria do açúcar, de modo a extrair, sem o imediatismo das visões de rentabilidade a curto prazo, as melhores virtualidades da região.

Far-se-ia imperiosa, então, uma planificação, realista, imaginativa no melhor sentido, capaz de coadunar a indústria do petróleo e outras tantas que viessem de utilizar seus sub-produtos e derivados, com a agro-indústria do açúcar e mesmo a pecuária, e, o que é importante, com a indústria — sim, indústria — do turismo, já que no Recôncavo encontramos uma grande fonte — seja pelo passado ainda presente, seja pela natureza ali privilegiada — de exploração de uma atividade que mantém tantas e tantas cidades e regiões no mundo europeu, asiático, e mesmo americano: o turismo.

Por voltas de janeiro de 1959 o Prof. Thales de Azevedo, num simpósio intitulado "Conferência do Petróleo" promovido por um jornal baiano sugeria, observando a necessidade de medidas urgentes em vista do petróleo no Recôncavo, o seguinte:

- “1 — Organização de uma comissão permanente (governo do Estado, Municípios, Petrobrás) para o planejamento de aplicações produtivas e duradouras das quotas pagas ao Estado e aos Municípios e dos incrementos de receitas públicas de modo a que a região do Recôncavo e outras áreas da Bahia possam alcançar o melhor proveito das condições criadas pela exploração petrolífera, dentro da orientação da Lei n. 2004.
- 2 — Elaboração de um plano de recuperação econômica e de re-colonização, por meio de pequenas propriedades, das áreas ocupadas pela Petrobrás e não mais utilizadas na exploração petrolífera.
- 3 — Entendimentos diretos e medidas administrativas, judiciais e legislativas tendo em vista abrandar os efeitos normais de uma mudança econômica e social relativamente intensa e aliviar a tensão que atua sobre certos extratos da sociedade da região”. (8).

Quando há pouco nos referíamos à Petrobrás como um organismo paralelo, no Recôncavo, a agro-indústria do açúcar queria nos ferir o problema da Petrobrás — 1970, no Recôncavo — 1970.

A partir do momento em que a empresa entra na rotina de exploração e refino atingindo na pesquisa e lavra o lençol submarino da região de D. João e adjacências, e mais, na zona de Catu, Pojuca e Mata de São João, passado o momento das obras da Refinaria Landulfo Alves, principalmente, inicia-se um processo de retração de influência econômica naquela área de Mataripe e São Francisco do Conde, onde exatamente se iniciou a presença da Petrobrás no Recôncavo. As estradas possibilitam a atração das compras em Salvador e Feira de Santana, principalmente; a Petrobrás, fornecendo transporte para seus trabalhadores possibilita à maioria deles o domicílio seja nas suas cidades de origem, seja em Salvador, para onde, naturalmente, são atraídos aqueles mais qualificados e com maior disponibilidade econômica. As instalações definitivas da Refinaria e de outros setores de manobra paralizam a absorção de mão-de-obra não qualificada; o parque industrial que se esperava ser implantado na região por força da presença da Petrobrás não chega, nem de longe, a constituir uma realidade sobre a qual se possa ter alguma esperança imediata.

O que se temia em 58,59, é hoje, uma realidade: a falta de planificação e de incremento de industrialização, *latu sensu*, na zona petrolífera e açucareira do Recôncavo, no momento de implantação da Petrobrás, lança a região, ainda uma vez, num processo que muitos estão chamando de mudança regressiva: sem a Petrobrás, e malgrado a Petrobrás.

E resta, é bom lembrar, o passado, uma indústria que ainda não se “descobriu” suficientemente: o turismo.

Nos anos sessenta, ou mais exatamente, de quatro anos para cá, o Centro Industrial de Aratu, levanta uma onda de esperança no relativo marasmo da vida baiana.

(9) — Thales de Azevedo — *Problemas Sociais da Exploração do Petróleo na Bahia* — Ed. da Imprensa Oficial da Bahia — 1959 p. 15/16. Conferência pronunciada a 5 de novembro de 1971, no Salão de Sessões da Assembléia Legislativa, em reunião conjunta do Conselho Estadual de Cultura e da Associação Baiana de Imprensa.

Os incentivos fiscais proporcionados pelo governo são o ponto de partida para o planejamento de um Centro Industrial numa área onde outrora se plantaram engenhos e canaviais.

Muito embora os efeitos da implantação de várias indústrias já se observam, principalmente, no acelerado crescimento urbano da cidade do Salvador, pelo que se pode constatar, até agora, o Centro Industrial de Aratu incrementando de alguma sorte a riqueza do Estado da Bahia não chegará, a solucionar conveniente e realisticamente e sem dúvida complexo problema do Recôncavo baiano. Observe-se que o Centro Industrial absorverá cerca de 25.000 trabalhadores, quando de seu completo funcionamento, enquanto, no momento, a agro-indústria do açúcar vivendo momentos definitivos na sua crise crônica absorve cerca de 28.000.

Dêse modo o problema da industrialização do Recôncavo permanece em termos abertos, sem que se tenha a sua exata dimensão e as melhores vias para a sua pronta solução.

As crises da agro-indústria fumageira e da agro-indústria do açúcar incidem sobre áreas densamente populosas, os mais velhos núcleos de povoamento do Recôncavo, as áreas mais marcadas pelo traço cultural que o tempo se incumbiu de calcar e que representam o velho Recôncavo dos tradicionais núcleos urbanos, dos engenhos à beira-rio, da casa-grande e do casebre de palha.

A Petrobrás e o Centro Industrial de Aratu se superpõem nessa mesma área do açúcar dentro de uma equação econômica inteiramente nova, sem contudo levarem em conta o quadro geral do Recôncavo como área geográfica e humana, sem levar em conta, ainda, aquelas sub-culturas econômicas que pelo tempo a fora a rotina e o marasmo fizeram manter num compasso de intermitente ou crônica crise, mas num compromisso cultural, por assim dizer, definitivo, com a própria terra.

As perspectivas de alteração para melhor no que diz respeito à população local, são, assim mínimas, já que tanto a Petrobrás, quanto o CIA tendem a absorver um tipo de mão-de-obra bem diversa da desqualificada mão-de-obra tradicionalmente entregue ao mero e bruto trabalho braçal nas roças, na pesca, no carroto, ou naquelas mais refinadas, mas nem por isso apta de imediato, ao trabalho nas indústrias urbanas presas ao know-how mais atual, dedicada aos tradicionais artesanatos do Recôncavo.

Por outro lado o próprio Recôncavo como área geo-econômica e sócio-cultural aguarda um dimensionamento eficaz de suas potencialidades levados em conta o seu passado e o muito que dele se pode retirar num futuro que bem se pode chamar de um agora.

A agudização atual das já longas, velhas crises do açúcar e do fumo, a problemática do desenvolvimento da área do açúcar-petróleo, o incremento da indústria em Aratu, tudo isso propõe e sugere estudos não mais de verificação e investigação mas de intervenção, o que sem dúvida vem trazer ao cientista social, por exemplo, a possibilidade de explorar convenientemente aquele rico acervo cultural, aquele "laboratório de experiência humana" como bem chamou o sociólogo: o Recôncavo da Bahia.